

**TEOLOGIA DA PROSPERIDADE,  
DEMONIZAÇÃO E PROJEÇÃO:  
CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS**

**PROSPERITY THEOLOGY,  
DEMONIZATION AND PROJECTION:  
CONFLUENCES AND DIVERGENCES**

**Fernando Cardoso Bertoldo**

Doutor. Pós Doutorado em andamento em Teologia na Faculdades EST. Bento Gonçalves, RS. E-mail: nandobertoldo@hotmail.com

**Oneide Bobsin**

Doutor. Professor de Ciências da Religião da Faculdades EST. Blog: oneide-bobsin.com.br. E-mail: obobsin@est.edu.br

**Resumo:** O artigo resulta da pesquisa em andamento para o pós-doutoramento que busca reconstruir e entender desde um ponto de vista interdisciplinar o discurso da Teologia da Prosperidade a respeito da demonização das entidades espirituais e orixás das religiões de matriz africana. Assim, para interpretar a demonização do outro utiliza-se do aporte teórico da psicanálise Kleiniana com destaque para a noção de Identificação Projetiva.

**Palavras-chave:** Teologia da Prosperidade. Tradições de Matriz Africana. Psicanálise de Melanie Klein. Identificação Projetiva.

**Abstract:** The article is the result of ongoing post-doctoral research that seeks to reconstruct and understand, from an interdisciplinary point of view, the discourse of Prosperity Theology regarding the demonization of spiritual entities and orixás of religions of African origin. Thus, to interpret the demonization of the other, the theoretical contribution of Kleinian psychoanalysis is used, with emphasis on the notion of Projective Identification.

**Keywords:** Prosperity Theology. African Matrix Traditions. Psychoanalysis by Melanie Klein. Projective Identification.

## INTRODUÇÃO

A Teologia da Prosperidade (TP) teve origem nos Estados Unidos entre os anos de 1930 e 1940, mas seus ensinamentos só se desenvolveram a partir do ano de 1970. O fator principal para que a TP tenha se propagado foi a abertura para visões, revelações e orientações espirituais contínuas extrabíblicas, tendência que prevalece até hoje.

Seu crescimento acelerado chama a atenção dos mais variados grupos religiosos, tendo em vista que atinge aos diversos grupos sociais. A forma como a TP atua é bastante sedutora com suas propostas de riqueza, saúde e prosperidade, que

---

se sustenta nas críticas às tradições com o intuito de atribuir às dificuldades de prosperar a possessões demoníacas.

Assim, as críticas feitas às tradições de matriz africana sempre têm o intuito de atribuir os problemas relacionados à dificuldade em prosperar a questões de saúde, a possessões demoníacas por Orixás, Caboclos e outras entidades das tradições africanas.

## ORIGENS DA TP

Conforme Romeiro<sup>1</sup>, a Teologia da Prosperidade foi fundada por Essek William Kenyon (1867-1948), que nasceu em Saratoga, Nova Iorque. Sua possível conversão a Jesus Cristo ocorreu entre a adolescência e a juventude (15-19 anos). Com 19 anos começou o seu ministério público na Igreja Metodista, quando pregou pela primeira vez. Kenyon foi adepto de várias religiões, passando do congregacionalismo para o universalismo, o unitarismo, o transcendentalismo, o novo pensamento e, por final, à ciência cristã.

A Teologia da Prosperidade foi fundada por Kenyon, mas Kenneth Hagin (1917-2013) foi o porta voz, ou seja, popularizou esse ensino, que hoje é um dos maiores movimentos transversais no mundo evangélico na atualidade. Kenneth Hagin nasceu em McKinney (Texas), nos Estados Unidos, em 1917, com um problema no coração e, por isso, os médicos o desenganaram. Hagin não teve uma infância fácil, quando foi abandonado pelo seu pai e sua mãe, também doente, indo morar com os avós maternos.<sup>2</sup>

O ministério de Hagin começou em uma Igreja Batista, em 1937. Por crer na cura divina, começou a frequentar reuniões de um grupo pentecostal. Também afirma ter recebido o batismo do Espírito Santo e falado em línguas estranhas. Foi pastor na igreja do Evangelho Pleno (1939). Pastoreou várias igrejas dessa denominação. Mais tarde, envolveu-se com vários pregadores independentes de cura divina.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 22-23.

<sup>2</sup> HAGIN, Kenneth. *Eu creio em visões*. Rio de Janeiro: Graça, 1996. p. 2-4.

<sup>3</sup> HAGIN, 1996, p. 24.32.

Segundo Pieratt, Kenyon não teve treinamento teológico profundo e seu ministério passou por igrejas tradicionais e pentecostais. Sua teologia era diferente e isso o levou a ser um evangelista itinerante e independente das igrejas. Escreveu cerca de dezoitos livretos sobre seus ensinamentos. Foi influenciado pelos ensinamentos filosóficos da Faculdade Emerson College, em Boston. Esses grupos, que Kenyon estudou, eram conhecidos como Escola da Unidade do Cristianismo, Ciência Divina, Igreja da Ciência Religiosa, Lar da Verdade, Igreja da Verdade e outros.<sup>4</sup>

Em obras de um dos principais nomes do neopentecostalismo no Brasil<sup>5</sup>, Edir Macedo, consta claramente que quem não pagar o dízimo<sup>6</sup> não será abençoado e assim cairá em desgraça. Num olhar bíblico, a oferta oferecida por Caim e Abel (Gn4) diferencia-se não apenas em conteúdo, mas na intenção de cada personagem tendo em vista que essa relação não é mercadológica, mas moral e relacional. Com essa passagem a partir de Gênesis 4 vemos o avanço e a proliferação do pecado na humanidade. Vemos o ser humano se voltando de maneira cada vez mais intensa contra Deus, Seu Criador no assassinato de Abel.

Pode ser observado na TP que há um número crescente de igrejas neopentecostais que adotam o princípio de um Deus Cristão diretamente vinculado às questões de prosperidade, já que ser bem-sucedido financeiramente resulta da aprovação de um deus acionável e subserviente. Assim, surgem questionamentos sobre as diferenças existentes entre a TP e a conhecida Teologia da Gratuidade encontrada na Bíblia. As dúvidas recaem sobre a leitura que a TP faz da Bíblia renegando a gratuidade e privilegiando a busca da negociação por meio do sacrifício dinheiro, pela qual se promete a prosperidade em todas as áreas da vida.

O conhecimento obtido por Hagin, segundo Gondim, vinha de uma fonte de conhecimento sobrenatural, que ele intitulava de “Conhecimento de Revelação”, um

---

<sup>4</sup> PIERATT, Alan. *O evangelho da prosperidade*. Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 28.

<sup>5</sup> No **Brasil**, as **igrejas** que representam esse movimento **são**: a **Igreja** Universal do Reino de Deus, a **Igreja** Internacional da Graça de Deus, a **Igreja** Mundial do Poder de Deus, a **Igreja** Renascer em Cristo, a **Igreja** Apostólica Fonte da Vida e a Comunidade Cristã Paz e Vida.

<sup>6</sup> Dentro da tradição judaico-cristã a **palavra dízimo** (com **origem** no termo latino *decimus*, que **significa** a décima parte de um determinado valor) é um tributo previsto no Antigo Testamento, que era pago voluntariamente como forma, principalmente, de manutenção do clero e de apoio aos pobres.

---

conhecimento extrabíblico. Hagin afirmava que este conhecimento vinha pelo espírito de revelação, usando a passagem de Efésios 1:17-18 para defender seu conhecimento.<sup>7</sup> Ele insistia que o cristão não pode comunicar-se com Deus mentalmente, pois ele é um espírito, e assim esta comunicação acontece somente por meio do Espírito. Deus colocou na igreja mestres que renovam a mente do cristão e recebem a revelação e o conhecimento da Palavra de Deus.<sup>8</sup>

Esta renovação da mente tem afinidade com a lógica de mercado neoliberal em que o dinheiro passa a suprimir o sofrimento ao passo que o sacrifício do dinheiro tende a ser mais eficaz e pragmático segundo o pensamento da Teologia da Prosperidade.

A lógica do mercado que a TP segue tem um viés puramente socioeconômico, uma vez que ela se fundamenta nos valores do mercado, ou seja, ela parte do princípio do enriquecimento. Isso pode ser observado também na TR (Teologia da Retribuição) que antecede a TP. Mas cabe ressaltar que a TR também parte de lei mecânica, segundo a qual, se o ser humano fizer o bem, ele receberá o bem de volta. Mas na TR Deus é inacessível e austero, já na TP o divino é acionável e subserviente, mostrando que essas leituras que a TP faz da Bíblia estão relacionadas à forma de economia presente na atualidade, que é o neoliberalismo<sup>9</sup>, contra o qual se posiciona Franz Hinkelammert ao afirmar que “o ser humano só é livre e racional quando já não é mais que capital humano, que calcula seus lucros e desempenha com perfeição suas funções como capital.”<sup>10</sup>

Na parte financeira, Hagin utilizava a mesma regra de ensino usada na saúde (confessar em voz alta, ter fé, usar o nome de Jesus), ou seja, a prosperidade financeira é um direito do cristão, pois faz parte da expiação efetuada por Jesus. O cristão tem direito a saúde e de ser próspero. Hagin ensinava que, da mesma forma como as doenças nunca representaram a vontade de Deus, a pobreza ou as dificuldades financeiras também não poderiam fazer parte da vida do fiel.<sup>11</sup> Assim,

---

<sup>7</sup> GONDIM, Ricardo. *O Evangelho da Nova Era*. São Paulo: ABBA Press, 1993. p. 51.

<sup>8</sup> HAGIN, Kenneth. *O homem em três dimensões*. Rio de Janeiro: Graça, 2004. v. 1. p. 8-20.

<sup>9</sup> Na década de 1930, neoliberalismo tratava-se de uma doutrina econômica que emergiu entre acadêmicos liberais europeus e que tentava definir uma denominada "terceira via" capaz de resolver o conflito entre o liberalismo clássico e a economia planificada coletivista.

<sup>10</sup> HINKELAMMERT, Frantz. *A maldição que pesa sobre a lei*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 136.

<sup>11</sup> PIERATT, 1996, p. 57.

A prosperidade está aberta a todos, mas é preciso que se dê o que se tem para a Igreja, quanto mais melhor, de preferência tudo. Quanto mais se dá para Deus, mais se recebe, e isso não é mera retórica. São inúmeras as estratégias e os jogos operados pelos pastores nos cultos para a extração do dinheiro. O ato de dar dinheiro, com a certeza de que ele vai voltar, acrescido, é um gesto investidor. Para os crentes de negócio, os pequenos empresários, os desejosos de se estabelecerem, a nova religião oferece possibilidades de progresso mais ambiciosas: é possível fazer de Deus um sócio nos negócios e prosperar sem limites.<sup>12</sup>

Nas palavras de Campos, a TP “[...] é uma criação de agentes e instituições especializadas no campo religioso”.<sup>13</sup> Nos anos 1970 esse movimento ganhou expressão no cenário evangélico dos EUA. O “Movimento de Cura” permanece nos moldes dos avivalistas. Hagin desenvolveu algumas ideias centrais referentes ao estabelecimento de sua teologia pessoal do *RhemaBible Training Center*, que assumimos ser a TP, e que se divide em três aspectos centrais: 1) autoridade espiritual; 2) bênçãos e maldições da Lei; e, 3) confissão positiva.

Campos destaca que as premissas da TP: “Dê adeus às doenças, à miséria e a todos os males, tenha um reencontro com Deus e assuma novamente a sua posição na família de Deus.”<sup>14</sup> Assim o fiel deve pagar o dízimo e, além dele,

[...] deve dar a Deus tudo o que ele tem de precioso. No caso, o dinheiro e os bens materiais são as coisas mais importantes para o homem na sociedade capitalista. Ao oferecê-los a Deus, o ser humano arranca parte de suas entranhas, principalmente se lhe der tudo o que tem. Mas adverte Edir Macedo: ‘Deus nunca vê a importância que a pessoa traz em suas mãos, mas sim aquela que restou no bolso’.<sup>15</sup>

Campos ressalta essa troca: “é bem claro que a lei de dar para receber não é apenas uma lei física; é também uma lei espiritual e nem o próprio Deus escapou dessa lei, quando deu o seu Filho. Portanto, dar o dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida. É o preço a ser pago.”<sup>16</sup>

Diante disso cabe retomar as críticas que as Igrejas que adotam a TP fazem às tradições de matriz africana. Para isso precisamos abordar as origens das críticas

---

<sup>12</sup> PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 270.

<sup>13</sup> CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado*. Organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo: Vozes, 1997. p. 376.

<sup>14</sup> CAMPOS, 1997, p. 233.

<sup>15</sup> CAMPOS, 1997, p. 370.

<sup>16</sup> CAMPOS, 1997, p. 232.

às tradições afro que começaram há muito tempo, durante a escravidão, onde os africanos eram tratados injustamente e levados a acreditar que suas religiões não eram tão boas quanto as outras<sup>17</sup>. Esse tratamento acontece ainda hoje com um orixá chamado Exu<sup>18</sup>, que muitas vezes é mal interpretado e visto como mau. Algumas pessoas usam esse mal-entendido para criar conflito entre diferentes religiões.<sup>19</sup>

Silva<sup>20</sup> relata que pessoas pensam que as religiões afro-brasileiras são ruins porque envolvem coisas como sacrificar animais, entrar em transe e ser possuído por espíritos e usar magia para ferir pessoas. No entanto, o que é considerado bom ou ruim depende das crenças e da cultura de uma pessoa levando em consideração sua percepção sob as diferentes tradições religiosas que podem estar plasmadas por vezes pela intolerância religiosa. Para as pessoas que praticam essas religiões, essas coisas são importantes e boas, mas para outros, são vistas como ruins. O estranhamento da figura e do papel do Exu e sua proximidade com a vida humana, especialmente a sexualidade e o poder, o tornou um dos focos principais dessa opressão. A diversidade e a complexidade do Exu, embora fosse sua riqueza, era também o que proporcionou a sua demonização<sup>21</sup>.

Silva<sup>22</sup> diz que algumas igrejas acreditam que há uma luta entre o bem e o mal, e pensam que certos deuses africanos são realmente maus. Isso pode fazer com que as pessoas agredam outras pessoas e destruam locais religiosos importantes. Uma religião, chamada candomblé, é especialmente visada e maltratada por causa dessas crenças. As pessoas às vezes fazem Exu parecer uma divindade ruim, e a mídia ajuda a espalhar essa ideia. É importante entender que a ideia de um Diabo realmente mau é na verdade uma mistura de diferentes crenças religiosas e pessoas

---

<sup>17</sup> NOGUEIRA, Sidney. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Pólen, 2020.

<sup>18</sup> SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: um deus afro-atlântico no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

<sup>19</sup> PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, São Paulo, v. 50, p. 46-63, 2001. p. 61.

<sup>20</sup> SILVA, Pierre Possamai da. *Para Além da Demonização do Guardiã Exu: Elogio ao Hibridismo Pós-Colonial em Processo de Resistências nas Religiões Afro e Brasileiras*. 2017. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2017.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Sidney. Psicanálise e Umbanda: A Demonização Do Exu Como Interdição Simbólica e Intolerância Religiosa. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 3, n. 8, p. 33-43, 2010. p. 37. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30345>. Acesso em: 15 jan. 2023.

<sup>22</sup> SILVA, 2017.

projetando seus próprios sentimentos ruins em um personagem inventado que não corresponde ao verdadeiro significado de Exu e de outras entidades de Matriz Africana<sup>23</sup>.

A crítica às religiões afro-brasileiras é assunto de muitas pesquisas por cientistas sociais, das religiões no Brasil, e tem um papel central nas críticas à IURD. Diante disso, cabe citar a “Morte Morena do Protestantismo Branco”:

A batalha entre os fiéis do Senhor e os/as filhos/as de santo é ritualizada em cada culto. Os orixás, os guias, as entidades e os espíritos das religiões mediúnicas são transformados em demônio. [...]. Assim, velhos temas, como possessão, batalha entre bem e mal, diabo presente no cotidiano, doença como manifestação demoníaca, mau-olhado, má sorte, etc., saem dos bastidores e vão para o palco [...] onde disputam, nos corpos das pessoas oprimidas, um espaço para habitar provisoriamente.<sup>24</sup>

Justamente nessa perspectiva apresentamos a necessidade de um diálogo com Psicanálise para desenvolver e compreender o que vem a ser essas possessões demoníacas apontadas pela IURD, tornando-se um terreno fértil para a leitura psicanalítica, ao passo que temos uma compreensão por pensamento mágico na IURD quando se assume as possibilidades e consequências geradas por essas possessões. Para introduziremos o conceito de Identificação Projetiva desenvolvida inicialmente pela psicanalista Melanie Klein<sup>25</sup>.

## IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

---

<sup>23</sup> PAIVA, Luiz H. Rodrigues. Possessão E Exorcismo No Egito Antigo: Dados Históricos. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA UNICAP, 10., Recife, 2017. *Anais [...]*. Recife: UNICAP, 2017. p. 1-10. p. 7. Disponível em:

[http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/35/1397433785\\_ARQUIVO\\_POSSESSAOE\\_EXORCISMONOEGITOANTIGO\\_LUIZHENRIQUE.pdf](http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/35/1397433785_ARQUIVO_POSSESSAOE_EXORCISMONOEGITOANTIGO_LUIZHENRIQUE.pdf). Acesso em: 15 jan. 2023.

<sup>24</sup> BOBSIN, Oneide. A Morte Morena do protestantismo Branco – Contrabando de Espírito nas Fronteiras Religiosas. In: *Correntes Religiosas e Globalização*. São Leopoldo: PP/CEBI/IEPG, 2002. p. 39-63. p. 53.

<sup>25</sup> Melanie Klein, nascida Melanie Reizes, foi uma psicanalista austríaca. Melanie Klein era uma pessoa que ajudava as pessoas com seus sentimentos e pensamentos. Ela estudou como as crianças pensam e sentem quando são bem pequenas e estão apenas começando a aprender sobre o mundo. Ela acreditava que a personalidade de uma criança se desenvolve por meio de seus desejos naturais e das coisas que acontecem com ela. Ela inventou uma maneira de falar com as crianças brincando com elas, em vez de apenas falar como os adultos. Isso a ajudou a entender o que as crianças estavam sentindo e pensando.

---

Desde suas primeiras publicações sobre psicanálise infantil, em meados da década de 1920, Klein já cita fragmentos de sessões com seus jovens pacientes em que descreve a existência de partes de si e de pulsões localizadas no mundo exterior. Quase 20 anos depois, em 1946, o conceito de identificação projetiva parece estar totalmente descrito. Em uma reimpressão de seu artigo de 1946 em *The Development of Psychoanalysis* Klein cunhou o termo "identificação projetiva" para descrever o fenômeno.<sup>26</sup>

Na clássica descrição de 1946 de "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides"<sup>27</sup>, a identificação projetiva é o protótipo do relacionamento objetal agressivo, um ataque anal a um objeto para colocar dentro dele partes do ego a fim de controlá-lo ou de apoderar-se de seus conteúdos. Em consequência desse processo, em que se acredita que partes do ego se encontram distantes, o indivíduo se sente esvaziado, com o *self* e o sentido de identidade enfraquecidos, chegando inclusive à despersonalização.

Ogden<sup>28</sup>, numa apreciação do original trabalho de Klein *Sobre a identificação*, aponta como a autora mostra o que é projetar-se em outra pessoa e o que é controlar e habitar o outro. Isso não impede que permaneça, ainda que em parte, a identidade de quem realmente se é. Ao mesmo tempo em que se visita outra pessoa, essa experiência muda o próprio visitante. Klein mostra como o processo da identificação projetiva esvazia psicologicamente e empobrece a pessoa que projetou. Isso só cessa se ocorrer uma reinternalização exitosa da parte projetada<sup>29</sup>. O imenso esforço para controlar o outro e fazer com que atue de acordo com as próprias fantasias exige muita vigilância e também um grande gasto de energia mental. O estado final é a debilitação psíquica.

---

<sup>26</sup> KLEIN, Melanie (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. *In: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 17-43.

<sup>27</sup> KLEIN, Melanie (1955). Sobre a identificação. *In: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 170-204.

<sup>28</sup> OGDEN, Thomas H. On projective identification. *International Journal of Psycho-Analysis*, [S.l.], v. 60, p. 357-373, 1979.

<sup>29</sup> KLEIN (1946), 1985, p. 28: "Na posição esquizo-paranóide, a ansiedade predominante é a de que o objeto ou objetos perseguidores entrarão no ego e dominarão e aniquilarão tanto o objeto ideal quanto o eu (*self*) e posteriormente quando entrar na ansiedade persecutória, advinda do medo de destruição do *self* pelo objeto mau, diminui consideravelmente e a convivência com o objeto total faz predominar a preocupação com a integridade deste".

A partir dessa introdução ao conceito de identificação projetiva buscamos mostrar como esse conceito está associado à demonização de Exu e de outras entidades de matriz africana, tendo em vista a demonização do Outro.

Isso fica evidente diante da manifestação da sexualidade e os prazeres humanos que transparecem durante a suposta possessão gerando um desconforto na pessoa que projeta tendo em vista vez que esse desconforto psíquico faz com que a pessoa projete no Outro um demônio.

Essa projeção trata se de questões psíquicas da pessoa que faz a projeção e que cessa no momento que há uma reinternalização da parte projetada.

O estranhamento da figura e do papel do Exu e sua proximidade com a vida humana, especialmente a sexualidade e o poder, o tornou um dos focos principais dessa opressão. A diversidade e a complexidade do Exu, embora fosse sua riqueza, era também o que proporcionou a sua demonização.<sup>30</sup>

Interpretar qualquer símbolo na literalidade, principalmente com um ponto de vista ideológico e religioso, não gera uma contextualização, e neste caso, a literalidade também produz preconceito. A religião se expressa como um elo entre o conjunto de símbolos, seus significados, e os sistemas socioculturais e psicológicos de uma determinada civilização. Já os símbolos são atemporais e falam sobre os mitos de determinada cultura<sup>31</sup>.

O Falo é um dos símbolos mais significativos de Exu. Quando os missionários europeus tiveram contato com esse elemento, imediatamente o associaram à promiscuidade, sem levar em conta seu significado em relação à fertilidade e à vida. A figura do tridente foi outro fator que contribuiu para a associação de Exu com o Diabo ou demônio. É importante notar que as primeiras representações de Exu na África não os mostram portando um tridente, objeto que foi sutilmente introduzido posteriormente. Este símbolo representa a arma escolhida pelos demônios no imaginário cristão, mas nas culturas afro-brasileiras, o tridente ganhou um novo significado que remete à elevação espiritual por meio da compreensão do equilíbrio

<sup>30</sup> OLIVEIRA, 2010, p. 37.

<sup>31</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

ligada ao divino<sup>32</sup>. Assim, a questão do Falo tem uma conotação sexual que impacta na percepção que as Igrejas Neopentecostais têm das Tradições de Matriz Africana demonizando através da projeção de suas próprias inseguranças e desconfortos gerados pela representação de Exu e de outras entidades Africanas.

**Imagem 1** – Exu Veludo.



**Fonte:** STÚDIO Órion. *Imagem Exu Veludo Realista* – Guardiã Umbanda Candomblé. c2024. Disponível em: <https://www.studioorion.com.br/produto/imagem-exu-veludo-realista-guardiao-umbanda-candomble.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Segundo a IURD, as religiões de matriz africana prendem os seres humanos à miséria, ao fracasso no casamento e na vida profissional. Como afirma Pedro Oro,

<sup>32</sup> LEITE, Skarlett A. Otto. *De Guardiã a Demônio: A representação da Entidade Exu na Umbanda Espiritualista*. 2018. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

O neopentecostalismo brasileiro reproduz e exacerba a crença no demônio. Especialmente a Igreja Universal do reino de Deus – esta igreja que há anos constitui a face mais visível (e mais polêmica) dos evangélicos – sustenta dois princípios fundamentais: o primeiro (compartilhado com maior ou menor ênfase por outras igrejas pentecostais): os demônios são os causadores dos males e problemas de toda ordem que afetam as pessoas, os elementos perturbadores da ordem natural das coisas ('natural' no sentido daquilo que está conforme a vontade divina) [...]. Ouçamos as palavras do seu fundador, retiradas do livro *Orixás, Caboclos e Guias*; deuses ou demônios. Tudo o que existe de ruim neste mundo tem sua origem em satanás e seus demônios.<sup>33</sup>

Ao combater as práticas religiosas dos outros, a IURD as incorpora como sinal trocado. A tese de Almeida confirma esta premissa:

Portanto, ao acreditar que está combatendo uma fé inimiga, a Igreja Universal, na realidade, criou uma cosmologia de seres malignos, povoando o seu inferno com entidades. Logo, por um sincretismo às avessas, a Igreja Universal acabou produzindo sua Pomba-gira, seu Exu Tranca-Rua, sua Maria Padilha... E, como consequência, a Igreja Universal combate aquilo que, em parte incorporou.<sup>34</sup>

As Igrejas neopentecostais que adotam a Teologia da Prosperidade abordam as Tradições de Matriz Africana as demonizando e insinuando que as mesmas prendem os fiéis a miséria e ao fracasso. Conseguindo assim, cooptar um número crescente de fiéis com promessas de riqueza e prosperidade desde que abandonem suas tradições religiosas de origem e adotem para si a Teologia da Prosperidade em que o princípio de um deus acionável e subserviente que está a serviço dos fiéis e não mais os fiéis a serviço de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, o neopentecostalismo é dirigido por organizações cujas lideranças não prezam pela formação teológica acadêmica. Em outras palavras, aqueles que se inserem na hierarquia das Igrejas neopentecostais são proibidos de passar por

---

<sup>33</sup> ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiro: Quem vencerá esta guerra? *Debates do NER – Guerra Santa*, [S.l.], ano 1, n. 1, p.10-36, 1977. p. 13-14.

<sup>34</sup> ALMEIDA, Ronaldo. A guerra de Possessões. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André (org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 196-197.

---

formação teológica tradicional. A formação acadêmica é substituída pela crença de que os pastores são ungidos de Deus.<sup>35</sup> Assim, acreditam que são autoridades espirituais, capacitadas por Deus para seguirem o ofício de pastores das Igrejas, centrando o seu credo na expulsão de demônios.

É dada a garantia dos pastores de que Deus cumprirá sua parte: Ele ficará na obrigação de cumprir sua Palavra.

A coação que o fiel sofre diante do dízimo é uma estratégia que passa ao largo da liberdade cristã, da espontaneidade a partir da fé, valores básicos na teologia paulina, centrada na justificação pela graça e fé. Da mesma forma, a coação que é exercida em relação a Deus, através do dízimo, foge às concepções que norteiam a teologia bíblica. Esses dois níveis de coação fazem parte da doutrina de uma Igreja que se diz do reino de Deus.<sup>36</sup>

Assim, a TP preza pelo imediatismo na resolução dos problemas causados pelos demônios que são expulsos pela mediação do sacrifício do dinheiro. Percebe-se, então, que ela não é processual. Os aspectos referentes à rejeição do estudo da Teologia acadêmica de tradições eclesiais demonstram a fragilidade das mediações socioanalíticas e filosóficas, suprimindo a crítica e impedindo o diálogo, o que possibilita o desenvolvimento de um discurso etnocida, tão bem caracterizado pela filosofia de Montes. Assim,

As metáforas falam por si. A demonização das religiosidades afro-brasileiras que se produzem nesse contexto assume características de verdadeiro etnocídio, porque se estendem, para além do universo religioso, à totalidade de um patrimônio cultural negro, preservado ou recriado ao longo de séculos de história no Brasil, e que sempre constituiu um universo de significados partilhados, permitindo a construção positiva de uma identidade de contraste. Diante de uma religião que se apropria em negativo de todo um conjunto de símbolos que conformam o etos e a visão de mundos próprios às religiosidades afro-brasileiras, na situação limite em que a violência se transforma em terror, o que é grave é que não sobra às pessoas nenhuma opção, sejam elas brancas ou negras. Ou se serve aos desígnios do Maligno, ou se mantém qualquer contato com esse universo cultural demonizado, ou se está do lado de Deus, que agora só tem uma face única.<sup>37</sup>

Diante disso E por meio da análise da demonização das Tradições de Matriz Africana usamos o arcabouço teórico da Psicanálise com base no conceito de identificação projetiva de Melanie Klein, a fim de demonstrar que os demônios que os

---

<sup>35</sup> HANEGRAFF, Hank. *Cristianismo em crise*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 395-397.

<sup>36</sup> GAEDE NETO, Rodolfo. *Teologia da prosperidade e nova era*. São Leopoldo: IEPG, 1998. p. 13.

<sup>37</sup> MONTES, Maria Lúcia. *As figuras do Sagrado*. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 87.

neopentecostais projetam no Outro resultam de um conteúdo psíquico condicionados por projeções geradas pelo desconforto marcados pelo simbolismo dos prazeres humanos manifestados na figura de Exu e de outras entidades de Matriz Africana.

Portanto nesse contexto a identificação projetiva que ocorre diante da demonização traz à tona questões da pessoa que demoniza o Outro, que cessam após o fiel que projeta esse demônio reintegrar a parte projetada que passa a fazer parte de sua constituição psíquica. Assim, após essa reinternalização da parte projetada as Igrejas Neopentecostais criam sua própria cosmologia maligna povoada por seus exus, caboclos, etc., que se trata de suas próprias criações e que não tem relação com as entidades de Matriz africana em suas origens tradicionais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo. A guerra de Possessões. *In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André (org.). Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé.* São Paulo: Paulinas, 2003. p. 196-197.

BOBSIN, Oneide. A Morte Morena do protestantismo Branco – Contrabando de Espírito nas Fronteiras Religiosas. *In: Correntes Religiosas e Globalização.* São Leopoldo: PP/CEBI/IEPG, 2002. p. 39-63.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado.* Organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo: Vozes, 1997.

GAEDE NETO, Rodolfo. *Teologia da prosperidade e nova era.* São Leopoldo: IEPG, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONDIM, Ricardo. *O Evangelho da Nova Era.* São Paulo: ABBA Press, 1993.

HAGIN, Kenneth. *Eu creio em visões.* Rio de Janeiro: Graça, 1996.

HAGIN, Kenneth. *O homem em três dimensões.* Rio de Janeiro: Graça, 2004. v. 1.

HANEGRAFF, Hank. *Cristianismo em crise.* Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HINKELAMMERT, Frantz. *A maldição que pesa sobre a lei.* São Paulo: Paulus, 2012.

- KLEIN, Melanie (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. *In: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 17-43.
- KLEIN, Melanie (1955). Sobre a identificação. *In: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 170-204.
- LEITE, Skarlett A. Otto. *De Guardião a Demônio: A representação da Entidade Exu na Umbanda Espiritualista*. 2018. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.
- MONTES, Maria Lúcia. *As figuras do Sagrado*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- NOGUEIRA, Sidney. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Pólen, 2020.
- OGDEN, Thomas H. On projective identification. *International Journal of Psycho-Analysis*, [S.l.], v. 60, p. 357-373, 1979.
- OLIVEIRA, Sidney. Psicanálise e Umbanda: A Demonização Do Exu Como Interdição Simbólica e Intolerância Religiosa. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 3, n. 8, p. 33-43, 2010. p. 37. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v3i8.30345>.
- ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiro: Quem vencerá esta guerra? *Debates do NER – Guerra Santa*, [S.l.], ano 1, n. 1, p.10-36, 1977.
- PAIVA, Luiz H. Rodrigues. Possessão E Exorcismo No Egito Antigo: Dados Históricos. *In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA UNICAP*, 10., Recife, 2017. *Anais [...]*. Recife: UNICAP, 2017. p. 1-10. Disponível em: [http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/35/1397433785\\_ARQUIVO\\_POSS\\_ESSAOE\\_EXORCISMONOEGITOANTIGO\\_LUIZHENRIQUE.pdf](http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/35/1397433785_ARQUIVO_POSS_ESSAOE_EXORCISMONOEGITOANTIGO_LUIZHENRIQUE.pdf). Acesso em: 15 jan. 2023.
- PIERATT, Alan. *O evangelho da prosperidade*. Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, São Paulo, v. 50, p. 46-63, 2001.
- ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- SILVA, Pierre Possamai da. *Para Além da Demonização do Guardião Exu: Elogio ao Hibridismo Pós-Colonial em Processo de Resistências nas Religiões Afro e*

Brasileiras. 2017. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2017.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: um deus afro-atlântico no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.